

**De ouvidos bem fechados:  
O Concerto original da *Société Musicale Indépendante-SMI***

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA E ESTÉTICA

*Danieli Verônica Longo Benedetti<sup>1</sup>*  
UNESP – *danielilongobenedetti@gmail.com*

**Resumo:** O presente trabalho, segmento de pesquisa de Pós-Doutorado, propõe uma reflexão sobre o concerto “sem nome de autor” organizado pela *Société Musicale Indépendante* – SMI. O resultado dessa experiência, realizada com o objetivo de atrair a atenção de novos associados, seria amplamente discutido entre os envolvidos e documentado pela crítica especializada da época, alimentando ainda mais a polêmica em torno do evento. Por meio da tradução dos depoimentos e da produção mais significativa da imprensa o presente trabalho pretende ainda uma avaliação desses registros. O trabalho está fundamentado em documentação da época investigada, do acervo privado do compositor Charles Koechlin e da *Bibliothèque nationale de France* – BnF.

**Palavras-chave:** *Société Musicale Indépendante* – SMI. Musicologia. Música francesa. Imprensa.

**With Ears Closed: The Original Concerto of *Société Musical Indépendante-SMI***

**Abstract:** This Postdoctoral article, proposes a reflexion over the concert “no name of the author”, organized by the *Société Musicale Indépendante* – SMI. The result of such experience, executed with the intention of seizing the attention of the new associated, would be widely discussed between the involved and documented by the specialized critics of the time, feeding even more the polemics around the event. Through translating of the depositions and the more significant production of the press, the present work intends to evaluate such registers. The work has its foundations in documents of the investigated years, of the private collection of the composer Charles Koechlin and the *Bibliothèque nationale de France* – BnF.

**Keywords:** *Société Musicale Indépendante* – SMI. Musicology. French music. Press.

Idealizada por Maurice Ravel a *Société Musicale Indépendante* – SMI (1910-1935) foi uma associação criada com o objetivo de divulgar a música contemporânea sem distinção de escola e nacionalidade. A organização das temporadas de concertos representou a principal atividade da SMI e assim, no decorrer de seus 25 anos de existência, a SMI organizou 169 concertos, revelando nomes importantes da música do século XX e apresentando em primeira audição um número impressionante de obras.

Importante mencionar o trabalho referencial do pesquisador Michel Duchesneau, *L’Avant-Garde Musicale et ses Sociétés à Paris de 1871 à 1939*; assim como a biografia de Maurice Ravel do estudioso Marcel Marnat, como bibliografia fundamental para este estudo.

No sentido de formar seu público e atrair a atenção de novos possíveis societários, o comitê da *Société Musicale Indépendante* idealiza um concerto inédito. O concerto teria como proposta apresentar um programa no qual as obras seriam executadas sem a identificação do autor, ou seja, colocar o público e a crítica diante de obras anônimas e observar sua reação. Uma chamada para o evento foi publicada pelo *Le Guide du Concert* em 6 de maio de 1911 com a seguinte explicação: “Para subtrair o público da influência de ideias preconcebidas, os nomes dos autores cujas obras serão executadas, serão mantidos em segredo” (ano 2, n. 29, 1911, p. 384). Assim, em 9 de maio de 1911, na *Salle Gaveau*, a SMI realiza um concerto “sem nome de autor”. O concerto previa ainda que o público, por meio de fichas, identificasse a autoria de cada obra executada, conforme orientação impressa no programa<sup>2</sup>:

Para subtrair o público da influência de ideias preconcebidas, os nomes dos autores cujas obras aparecem neste programa serão mantidos em segredo até o dia seguinte do concerto. Os ouvintes serão convidados a inscrever sobre um boletim especial os nomes das personalidades musicais que eles acreditam ter reconhecido. (BnF, *Programmes SMI*)

Com a exceção de uma obra do compositor francês François Couperin (1688-1733) o programa foi inteiramente formado por obras inéditas, tendo como foco composições vocais. O programa foi assim formado pelos seguintes compositores, obras e intérpretes:

1. Léo Sachs – *Três Quartetos Vocais* (1ª audição). Madeleine Bonnard, Camille Chadeige, Gabriel Paulet, de Laromiguière (vozes);
2. Henri Busser – *Quarteto Vocal*. (1ª audição). Madeleine Bonnard, Camille Chadeige, Gabriel Paulet, de Laromiguière (vozes);
3. Mignan - *Quarteto Vocal*. (1ª audição). Madeleine Bonnard, Camille Chadeige, Gabriel Paulet, de Laromiguière (vozes);
4. Désiré-Émile Inghelbrecht - *Trois poèmes* (1ª audição), tirados do *Jardin de l'Infante de Samain*, para voz e piano. Ninon Vallin (voz), Jan Reder (piano);
5. Antoine Mariotte - *Poème de pitié* (1ª audição), para voz e piano. Paule de Lestang (voz);
6. Maurice Ravel - *Valses nobles et sentimentales* (1ª audição), piano solo. Louis Aubert (piano);
7. Hector Fraggi - *J'aime l'Anne* (1ª audição), para voz e piano. Vicomtesse de Gresse (voz);
8. Lucien Wurmser - *Deux rondels* (1ª audição), para voz e piano. David Devriès (voz), Lucien Wurmser (piano);

## 9. François Couperin - *Concert*.

Uma análise dos escritos produzidos pela imprensa sobre o concerto “sem nome de autor”, nos permite observar que a reação do público não teria alcançado as expectativas dos idealizadores do projeto. Acrescenta-se a isso uma descrição anedótica do evento, por parte da crítica presente. O que para esses compositores seria inicialmente uma forma de conhecer a percepção do público em relação a produção musical contemporânea e os diferentes estilos de composição apresentados, transformou-se numa situação confusa e embaraçante, uma vez que as indicações seriam feitas em meio a rumores, risos e grande desordem por parte do público. As opiniões foram as mais diversas possíveis em relação as obras apresentadas e de acordo com a sondagem apresentada pelo jornal *Comoedia* os acertos seriam mínimos, motivo de grande frustração para os compositores envolvidos, e a fórmula do concerto não seria repetida.

Charles Koechlin, um dos membros do comitê da *SMI* – visivelmente contra a ideia do projeto -, escreve em seu Texto de Conferência intitulado *Société Nationale - Schola Cantorum – SMI*, sobre o equívoco dessa realização, sobre o comportamento do público e da crítica e também sobre a reação destes diante da execução das obras. Ressalta ainda sua indignação pela incompreensão em relação as *Valses Nobles et sentimentales* de Maurice Ravel e pelo despreparo do público e da crítica diante do que chamou de “música nova”. Segue o trecho em questão.

Duas coisas que eu gostaria de suprimir desse concerto: primeiro a iluminação da sala; depois, a autossugestão que vem manchar todos os nossos julgamentos de uma deplorável parcialidade. É lamentável tratar uma nova obra de um músico com mais ou menos simpatia, de acordo com o que já conhecemos sobre ele; e é absolutamente escandaloso que julguemos sua inspiração de acordo com o que acreditamos saber sobre sua vida particular; fofocas e na maioria das vezes caluniosas. A *SMI* tentou assim esta experiência curiosa, da qual os resultados foram os mais significativos. As *Valses Nobles et sentimentales* que ignorávamos ser de Ravel, foram completamente incompreendidas; recebidas por risadas desdenhosas: o que prova mais uma vez que um estado de benevolência prévia e um certo esforço generoso foram necessários à compreensão de toda música nova; Ravel incógnito foi então vaiado, mas sobretudo escutado por um público distraído, entre o barulho confuso de conversas paralelas e brincadeiras; e não faltou a contra-prova: obras comuns, algumas até mesmo questionáveis, foram calorosamente aplaudidas. As críticas feitas durante o concerto, destas Valsas anônimas, foram por terra na saída do evento quando descobriram por acaso que tinham sido escritas pelo amigo Ravel. Os artigos dos jornais, coisa ridícula, não trouxeram nenhum julgamento sobre o valor dessas diversas obras: todo elemento de apreciação, todo critério estavam ausentes: não sabíamos o nome dos autores, escutamos apenas a música por si só: que mistificação! Eis toda a história deste pequeno incidente. O fato é típico e vocês podem ver que ele constitui, para alguns musicólogos, uma séria ofensa contra a *SMI*. (KOECHLIN, 1916, ACK)

Conforme as palavras de Koechlin, foi possível observar, um retorno inesperado não só por parte do público, mas também da crítica que documentou o evento. Os textos encontrados se concentraram apenas em questionar a iniciativa da associação e a reação do público. Nota-se uma falta de conteúdo sobre as obras executadas em relação aos textos publicados, possivelmente o despreparo desses jornalistas para avaliar um repertório repleto de inovações seria o motivo que os teria privado de documentar o evento com uma produção mais expressiva em relação ao ineditismo das obras e dos procedimentos de composição nelas apresentadas.

Nesse sentido traduzo e transcrevo o artigo de Louis Vuillemin, ironicamente intitulado *Rendez a Cesar...*<sup>3</sup>, publicado pelo jornal *Comoedia* em 11 de maio de 1911. O artigo de Vuillemin teve como foco apresentar o resultado da votação realizada na noite do concerto, ao qual acrescenta ainda exclamações pessoais diante de algumas respostas. Interessante observar a variedade de indicações de autoria, por parte do público, diante de cada obra apresentada. Até mesmo diante da obra de François Couperin, que teve como possíveis autores nomes da música francesa contemporânea. Segue em sua íntegra, o texto de Louis Vuillemin sobre o concerto “sem nome de autor” idealizado pela SMI, publicado pelo jornal *Comoedia*.

Foi um exercício muito divertido esse concerto sem nome de autores! O público, munido de canetas oferecidas pela SMI, votou como um único homem. É claro que ele escreveu, no entanto, entre homens e até mesmo senhoras, uma enorme quantidade de besteiras! Cada um, aliás, se divertiu muito.

Eis – mais eloquente que todos os comentários – a lista exata das obras executadas, os nomes de seus autores, as opiniões da maioria atribuindo em geral estas obras a outros autores, e enfim algumas opiniões particularmente “excêntricas”!

1. *Quatuor vocal 1* (Léo Sachs). Atribuído aos Srs. Théodore Dubois (!) e Léo Sachs. Fantasticamente emprestados aos Srs. Marcel Labey, Véronge de la Nux (!), Gustave Charpentier.
2. *Quatuor vocal 2* (Léo Sachs). Léo Sach, Florent Schmitt (!!). Suposições bizarras: Labey, Coindreau (?), Chausson (oh!), Sarmazeuith (ah?).
3. *Trois poèmes* (Inghelbrecht). Inghelbrecht, Debussy. Curioso: Paul Dupin (!), Borchent (veja só?), Philipp (da boemia parisiense?), Delage.
4. *Valses nobles et sentimentales* (Maurice Ravel) Ravel, Brick, Satie, Kodaly. Paradoxo: Srta. Blanche Selva (Estranho), Salomón (?), Szato.
5. *Poème de pitié* (Mariotte), Jean Huré, Wurmiser, Léo Sachs. Divagações: Xavier Leroux (!), Chabrier (não!), Roussel, Maz d'Ollone.
6. *J'aime l'Ane* (Fraggi). Ravel, Koechlin. Preocupante: Borel, Claude Terrasse, Saint-Saens (oh!), Messenger, Bruneau (?), Vincent d'Indy (!).
7. *Quatuor vocal* (Busser). Aubert, Saint-Saens, Reynaldo Hahn, Caussade, Lalo, Pillois, Caplet.
8. *Quatuor vocal* (Mignan). Locard, Duparc, Debussy (!). Paradoxos: Widor, Delage, Gaubert.
9. *Quatuor vocal 3* (Léo Sachs). Schumann (!!). Para rir: E. Moor, Schmitt (ainda! Pobre Florent), Mendelssohn.
10. *Deux rondels* (Wurmser). Wurmser, Ravel. Fantasias: Sra. de Polignac, Delcroze, Théodore Dubois (!).

11. *Concert* (Couperin). Rameau, Casella (pastiche). Divagações: Schmitt (oh! Infeliz!), Enesco (não?), Théodore Dubois (!!).

Podemos perceber que as indicações exprimidas diferenciam. A maioria das pessoas se enganou. Quanto as boas farsas constituídas pelos “trapaceiros” e que reproduzimos no final de cada “resultado”, estas evidentemente são as de melhor gosto.

Voltaremos amanhã sobre esse concerto afim de felicitar os intérpretes que foram de tão grande valor.

Para concluir, uma simples constatação. O público da SMI, que adora e aclama justamente o delicioso músico Maurice Ravel, manteve sua obra anônima! Sejamos certos que ele aplaudirá com fervor quando ela será novamente executada e devidamente assinada... da próxima vez. Portanto Maurice Ravel não teria mudado sua música? Isto seria, aliás, uma pena. Ah! Público! Público!

Nos divertiremos a cada ano, a SMI decidiu reavaliar a experiência no final de cada temporada. Isso é um bom presságio!

Louis Vuillermin (VUILLERMIN, 1911, s/p)

Vale a pena mencionar também o artigo de Charles Cornet, intitulado *Société Musicale Indépendante* e publicado pelo *Le Guide Musical*, ano 57, números 22-23 datado de 28/maio e 4/junho/1911. Assim como os outros artigos publicados pela crítica especializada da época, o texto de Cornet enfatiza o comportamento do público e faz uma analogia entre a iniciativa da SMI e a brincadeira infantil da cabra-cega. Deixa alguns comentários, superficiais, sobre as obras apresentadas e sobre a atuação dos intérpretes. O autor também não perde a oportunidade de enfatizar o fato do público não ter identificado as *Valses nobles et sentimentales* de Maurice Ravel, um dos idealizadores do projeto e fundador da SMI, chegando até mesmo a questionar o valor da obra e as intensões do compositor. Segue na íntegra o texto de Charles Cornet sobre o concerto “sem nome de autor” organizado pela *Société Musicale Indépendante - SMI*.

*Société Musicale Indépendante*. – Os jovens inovadores que dirigem a SMI tiveram uma ideia genial. Como forma de acrescentar ao ineditismo, eles imaginaram temperar o concerto do dia 9 de maio – *Salle Gaveau* – pelo seguinte achado impresso no programa:

“Para subtrair o público da influência de ideias preconcebidas, os nomes dos autores cujas obras aparecem neste programa serão mantidos em segredo até o dia seguinte do concerto. Os ouvintes serão convidados a inscrever sobre um boletim especial os nomes das personalidades musicais que eles acreditam ter reconhecido”.

Um certo número de compositores se submeteram a esta prova, pequeno jogo musical renovado do *Colin-Maillard*<sup>4</sup>. Alguns entre eles, porém, não puderam se felicitar.

O público, sempre bom menino e bem educado, aceita geralmente aquilo que lhe é oferecido por aplausos, somente pela oportunidade de exprimir sua satisfação de escutar o acorde final. Ele tem o respeito de todas as ideias quando assinadas por um nome cujo o qual reconhecem o valor. Acostumados a engolir tudo, pílulas, tortas de creme, salgadinhos e molhos variados, ele admite todo tipo de erro com a condição de que o autor tome sinceramente a responsabilidade.

Na presença do anonimato, ele francamente se divertiu, tendo consciência de não ser irreverente; ele teria certamente se mantido reservado se soubesse o nome das *Valses nobles et sentimentales*, que ainda levavam como sub-título enigmático “prazer delicioso e sempre novo de uma ocupação inútil”.

Qual seria a ocupação inútil? Aquela de escutar ou a de escrever? A menos que o Sr. Ravel não quisesse provar a inutilidade da dança escrevendo uma suíte de valsas para incapazes, eu não vejo luminosamente o que ele quis fazer. Afinal, quando ele irá ler a assinatura do autor sobre um programa, o público encontrará uma intensão, algo de longínquo como uma paródia irreverente do *Poème des Montagnes* do Sr. D'Indy? É isso? Eu não vejo muito bem o que o Sr. Ravel, músico extremamente talentoso, pôde ganhar com essas pequenas manifestações.

Os três poemas para canto (*Le jardin de l'Infante*) executados antes foram aceitos sem rir, sem entusiasmo, tranquilamente, educadamente. De uma monotonia desoladora, torturados, com algumas notas de efeito fugitivo, os poemas pareceram longos, apesar de certa lembrança de um Chopin inesperado e apesar da convicção da Srta. Vallin; alguns espectadores receberam lotes prevendo com muita elegância o nome do autor, Sr. Inghelbrecht.

Depois vem o *Poème de la Pitié*, não mais alegre naturalmente; decididamente faltou energia ao *Colin-Maillard*. Circularam os nomes mais diversos, dos compositores modernos aos com a alma atormentada de remorsos; poucos jogadores apontaram o dedo ao Sr. Mariotte, mas cada um foi correto para a interprete Sra. de Lestang, que, parece, veio especialmente de Lyon para cantar esta página.

Enfim Sr. Gresse, do Ópera, nos concedeu com sua bela voz de baixo os desenhos de uma fresca e saborosa melodia intitulada *J'aime l'âne*. Ritmada, expressiva, de um contorno inocentemente delicado, esta melodia escrita pelo Sr. Fraggi e que um humorista atribui ao Sr. Botrel, se recomenda senão pela aspereza científica, pelo menos pela espontaneidade repousante de fácil improvisação.

O quarteto de Paris (Srta. Bonnard; Srta Chadeigne, Srs. Paulet e Laromiguière) nos fizeram escutar as obras agradáveis e bem escritas dos Srs. Léo Sachs e Busser.

A noite termina com duas *rondels* do Sr. Wurmser, cantadas pelo tenor Devriès, com o autor ao piano. Eles obtiveram as honras de um *bis*.

Se a tentativa humorística da SMI quis demonstrar alguma coisa, acredito que ela estabeleceu, no interesse de todos e mesmo dos compositores, a necessidade de definitivamente não deixar divagar a opinião pública; a sugestão do nome se impõe a música. E o pequeno jogo de *Colin-Maillard* é as vezes perigoso aos condutores da diversão que se expõem a arranhões involuntários da parte dos jogadores com os olhos vendados.

Ch. Cornet (CORNET, 1911, p. 409-410)

Interessante trazer ainda as impressões de Louis Aubert, interprete das *Valses nobles et sentimentales* na polêmica noite do evento, em artigo “Homage à Maurice Ravel” publicado pela Revue Musicale em 1938.

Nesta SMI que era então a fortaleza de Ravel e onde ele conquistou junto ao público um enorme prestígio, este ciclo admirável, um dos mais belos sucessos do músico, não foi nem mesmo escutado até o final. Tomado por uma violenta emoção, eu terminei a obra em meio ao barulho, não ao ponto de assobios mas, pior ainda, em meio a conversas particulares do auditório! Apenas alguns boletins de voto atribuíram a Ravel a paternidade desta obra. Um de seus mais ferozes devotos – que numa conversa anterior colocava quem quer que seja ao desafio de não mais reconhecer em dez compassos a música de Ravel – me encontrando nos corredores, sem me deixar o tempo de revelar a verdade, encheu-me de insultos referindo-se a esta música de “amador”. (In: MARNAT, 1986, p. 298)

Maurice Ravel faz um breve relato sobre a obra e a recepção de suas *Valses Nobles et sentimentales* na noite de estreia em seu “Esboço Autobiográfico”.

O título de *Valses Nobles et sentimentales* indica em muito minha intenção de compor uma série de valsas a partir do exemplo de Schubert<sup>5</sup>. Ao virtuosismo que fazia o fundo de *Gaspard de la nuit* sucede uma escrita significativamente mais

clara, que endurece a harmonia e acusa os relevos da música. As *Valses Nobles et sentimentales* foram executadas pela primeira vez, em meio a protestos e vaias, no concerto sem nome de autor da SMI. Os ouvintes votavam para a atribuição de cada obra. A paternidade das Valsas foi reconhecida – por uma pequena maioria. (CORNEJO, 2018, p.1440)

### Considerações Finais

Várias seriam as estratégias pensadas pela *Société Musicale Indépendante-SMI* no sentido de seduzir um público próprio, ou seja, um público partidário dos ideais da associação e, além do concerto “sem nome de autor”, a *SMI* seria responsável por apresentar à sociedade francesa as obras de compositores da vanguarda estrangeira que julgavam necessárias para as transformações e inovações de escrita, de gênero e de forma que estas apresentavam. Nesse sentido, à parte o concerto “sem nome de autor”, a organização de concertos dedicados a um único compositor, seria outro formato adotado pela associação com objetivo de oferecer ao público um programa no qual fosse possível conhecer profundamente a obra do compositor homenageado. O primeiro evento assim organizado foi o concerto de número 72 (21/01/1921) dedicado à memória de Claude Debussy, falecido em março de 1918. Uma análise dos programas da *SMI* nos permite encontrar ainda os concertos dedicados à André Caplet (03/05/1935, último concerto organizado pela SMI), Arnold Schoenberg (15/12/1927), Arthur Honegger (03/12/1926), Ernest Bloch (07/06/1927), Florent Schmitt (04/02/1925 e 05/04/1933), Gabriel Fauré (13/12/1922 e 07/11/1928) e Maurice Ravel (15/10/1926 e 08/06/1928).

Em relação a experiência do concerto “sem nome de autor”, foco do presente artigo, conforme vimos, o retorno inesperado pelos compositores em relação à recepção por parte do público, mas também da crítica que documentou o evento seriam os responsáveis por um resultado traumático para os organizadores, principalmente em relação a estreia das *Valses nobles et sentimentales* para piano solo de Maurice Ravel – idealizador do projeto - e assim, o formato do concerto não voltaria acontecer nas temporadas da *SMI*.

### Referências

- CORNEJO, Manuel. *Maurice Ravel - l'Intégrale Correspondance (1895-1937) écrits et entretiens*. Paris: Le Passeur, 2018.
- CORNET, Charles. *Société Musicale Indépendante*. Paris: *Le Guide Musical*, 57, 22-23 (28/maio e 4/junho/1911), p. 409-410.
- DIVERSOS AUTORES. *Le Guide du Concert*. Paris: ano 2, n. 29, 1911, p. 384.
- DUCHESNEAU, Michel. *L'avant garde musicale à Paris de 1871 à 1939*. Hayen: 1997.
- MARNAT, Marcel. *Maurice Ravel*. Paris: Fayard, 1986.

VUILLERMIN, Louis. *Rendez a Cesar...* Paris: *Comoedia*, 11/05/1911.

KOECHLIN, Charles. *Société Nationale - Schola Cantorum – SMI*. Texto de Conferência de 24/02/1916. Paris: Arquivo Charles Keochlin-ACK.

PROGRAMAS DE CONCERTOS da *Société Musicale Indépendante-SMI*. Paris: Arquivos da *Bibliothèque nationale de France*, BnF – Musique.

---

<sup>1</sup> **Danieli Verônica Longo Benedetti** é pós-doutorada, doutora e mestre pela ECA/USP/FAPESP. Especialista no ensino do piano pela *École Normale de Musique de Paris - ENMP*, França e em interpretação pianística pelo *Conservatoire National de Strasbourg - CNRS*, França. Bacharel em música - piano, pela UNESP. Realizou estágios de pesquisa no Departamento de Música da *Bibliothèque nationale de France – BnF*, onde obteve acesso a todo acervo restrito referente às pesquisas desenvolvidas. Autora do livro “Obras de Guerra – A produção musical francesa durante os anos da Primeira Guerra Mundial” AnnaBlume/FAPESP 2013 e de várias publicações em Anais de congressos e revistas especializadas dentre as quais as Revistas HODIE, OPUS, Vórtex, OSESP entre outras. Desde 2014 é professora de Piano no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – IA/UNESP, onde desenvolve pesquisa de pós-doutorado amparada pela CAPES.

<sup>2</sup> Todas as traduções dos textos originais do francês que integram o presente artigo são de minha autoria.

<sup>3</sup> *Dai a César...*

<sup>4</sup> Brincadeira infantil conhecida como cabra-cega.

<sup>5</sup> Franz Schubert (1796-1828) escreveu *34 Valses sentimentales op. 50, D779* e *12 Valses nobles op.77, D969*.